



Crônica da Cidade

BIANCA LUCCA | biancalucca.cb@gmail.com

A hora da estrela

Um dia antes de completar 57 anos, Clarice Lispector morreu no hospital do INPS, no Rio de Janeiro, devido a complicações do câncer de ovário — descoberto pela escritora poucos meses antes de morrer. Nasceu Chaya Pinkhasivna Lispector em 10 de dezembro de 1920, a ucraniana — naturalizada brasileira e autodenominada pernambucana por ter vindo ao Brasil ainda na barriga da mãe — despediu-se deste mundo no dia 9 de dezembro de 1977.

Embora assustadora para muitos, a morte nunca foi temida por Clarice, mas era um tema frequente em seus textos de indagações metafísicas. Diferentemente do senso comum, a morte sempre flertava com a escritora — ou seria ao contrário? Desde antes de nascer, Clarice embalou danças perigosas com a morte. Sua mãe, Mania, sofria de sífilis — resultado de um suposto estupro

durante a Guerra Civil Russa —, doença da qual foi dada ao bebê em seu ventre a responsabilidade de curar. Assim, Clarice nasceu em solo brasileiro como a esperança de dias melhores.

Mania, porém, morreu quando a filha tinha 10 anos, deixando para Clarice um sentimento de culpa e uma missão de vida que nunca seria cumprida. A perda da figura materna aparentemente deixou um vazio na escritora que nunca cicatrizou — legado perpetuado principalmente por Macabéa, protagonista de *A hora da estrela*.

O fim trágico da nordestina miserável e anônima no livro foi comentado por Clarice na entrevista concedida a Júlio Lerner, da TV Cultura, em 1977. A conversa também acompanhou um pacto sombrio entre os dois: a escritora pediu ao jornalista que só fosse exibida quando a morte a alcançasse — o que aconteceu 10 meses depois. Clarice morreu, mas as frases concedidas a Lerner continuam a impactar novas gerações de leitores e estudiosos.

Questionada do porquê da morte trágica de Macabéa logo após um vislumbre de um futuro brilhante — talvez um reflexo da es-

perança que simbolizou para a própria mãe —, Clarice simplesmente respondeu que se imaginou no lugar da personagem, sendo atropelada em um dia comum, e achou a ideia engraçada. Mesmo aparentemente apática durante a entrevista, Clarice explicou enquanto acendia um cigarro após o outro: “Eu agora morri. Vamos ver se eu renasço de novo. Por enquanto eu estou morta. Estou falando do meu túmulo.”

Fossem contos, romances ou cartas, Clarice nunca deixava de divagar sobre a morte, ditando uma narrativa quase fúnebre através de suas personagens, retratando um olhar curioso para com a culpada por roubar sua mãe deste plano. “Ah, como queria morrer”, escreveu em *Uma Aprendizagem* ou o *Livro dos Prazeres*. “Quando eu morrer, que eu não sei quando é... Será que tem Coca-Cola e Pepsi Cola ainda?”, disse em entrevista a Afonso Romano de Sant’anna, em 1976, 14 meses antes de partir.

Parecia que a escritora pressentia a morte quase como uma velha amiga vindo buscá-la para um descanso eterno após tanto tempo neste mundo. E, como tudo em sua vida, resultou em epifanias e belas palavras.

A felicidade clandestina que Clarice sentia ao habitar o mundo real e o das letras não poderia durar para sempre, e, por mais que a felicidade fosse existente, a clandestinidade de um ser que está sempre à procura de algo nunca seria totalmente preenchida.

“Se eu tivesse que dar um título à minha vida seria: à procura da própria coisa”, dizia. “Não entendo. Isso é tão vasto que ultrapassa qualquer entender. Entender é sempre limitado. Mas não entender pode não ter fronteiras. Sinto que sou muito mais completa quando não entendo”, se contradizia. “Liberdade é pouco, o que eu desejo ainda não tem nome”, lamentava sua limitação física.

Agora, Clarice vive nas mentes de mulheres que encontram conforto em suas palavras, em academias que a exaltam, e até em frases publicadas em redes sociais por usuários que nem fazem ideia de sua grandiosidade. Fora das limitações do próprio corpo, a alma da escritora transita entre os mais diversos sentimentos, frequentemente nas cabeças mais aceleradas, encontrando abrigo nos que precisam de transcendência. Como explicou a Lerner, sua escrita não é para fazer sentido, mas sim para encontrar um eco den-

tro do leitor. Não adianta tentar analisá-la se suas palavras não se relacionam com o que existe de mais íntimo em seu âmago.

Clarice convida-nos a confrontar nosso eu mais primitivo e complexo, a esmagar a barata e colocá-la na boca tal qual em *A Paixão segundo G.H.*, a questionar a condição humana de anônimo com os olhares desviados de Macabéa, ao subverter o próprio destino imposto devido a uma repulsa inadequada como Ana no conto *Amor*, a apreciar a solidão de um domingo vazio sem nenhuma ligação relatado em *Um Sopro de Vida*, e, enfim, a depararmo-nos com as emoções mais desconfortáveis possíveis para, finalmente, irmos a encontro de nós mesmos em uma tarde qualquer.

Do hebraico, ‘Chaya’ significa ‘vida’ ou ‘viver’. A caçula de olhos enigmáticos de uma família de imigrantes, que nasceu para dar a vida e se apaixonou pela morte, vive em obras traduzidas em 32 idiomas, em livros que ocupam as prateleiras de 40 países. Há exatos 48 anos, Clarice deixava seu fardo: sua limitação física; para conseguir enfim viver como sempre quis: sem limites, livre e eterna.

CONDENAÇÃO / Coronéis da PMDF foram condenados a 16 anos de prisão pelo STF por omissão durante a manifestação. Especialista alerta para etapas processuais a serem cumpridas antes do início efetivo das prisões

Recursos levam penas para 2026

» CARLOS SILVA

No ano que vem, os três oficiais que integravam a alta cúpula da Polícia Militar (PMDF) durante o 8 de janeiro de 2023 começam a cumprir as penas às quais foram condenados, por unanimidade, no julgamento pelos atos golpistas. Todos receberam 16 anos de prisão, além de serem obrigados a pagar 100 dias-multa — cada dia calculado em um terço do salário mínimo vigente — e perderam o cargo público. A decisão também impõe uma indenização por danos morais coletivos no valor de R\$ 30 milhões, quantia que será dividida entre os condenados.

A condenação alcança os coronéis Fábio Augusto Vieira, então comandante-geral da PMDF; Klépter Rosa Gonçalves, subcomandante-geral na época; Jorge Eduardo Naime Barreto, ex-chefe do Departamento de Operações; além de Paulo José Ferreira de Sousa Bezerra e Marcelo Casimiro Vasconcelos. O relator do caso, ministro Alexandre de Moraes, teve o voto acompanhado integralmente pelos demais membros da Primeira Turma: a ministra Cármen Lúcia e os ministros Cristiano Zanin e Flávio Dino.

A decisão da Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal (STF), tomada em sessão virtual, considerou que os coronéis tinham o dever

Absolvidos

O major Flávio Silvestre de Alencar e o tenente Rafael Pereira Martins foram absolvidos. O STF entendeu que não havia provas suficientes para responsabilizá-los e destacou que ambos não tinham autonomia decisória para alterar o cenário dos ataques. Segundo Moraes, a ausência de poder de comando inviabiliza o reconhecimento de omissão dolosa.

funcional de agir para impedir a invasão e depredação das sedes dos Três Poderes, mas deliberadamente não o fizeram. Os policiais militares foram responsabilizados por crimes como tentativa de abolição violenta do Estado Democrático de Direito, tentativa de golpe de Estado, dano qualificado pela violência e por grave ameaça contra patrimônio da União — delitos que, segundo o ministro, foram agravados pela destruição de patrimônio tombado e pelo prejuízo expressivo ao país.

Expectativa

O professor de Direito Penal do Ibmec Brasília, Tédney Moreira, explica que a previsão de início do

Ed Alves/CB/D.A Press



PMS são julgados por omissão durante os atos golpistas de 2023

cumprimento das penas somente em 2026 decorre de uma sequência de etapas processuais que ainda precisam ser cumpridas após a condenação. Segundo ele, antes de qualquer movimentação da defesa, o STF ainda precisa publicar o acórdão com a íntegra dos votos — procedimento que não é automático e que será atravessado pelo recesso do Judiciário, entre 20 de dezembro e 6 de janeiro. “A publicação abre o prazo para que as defesas apresentem recursos”, afirma.

Moreira destaca que os embargos de declaração, recurso que será utilizado pelos advogados dos réus, têm limites claros e raramente alteram o conteúdo da decisão. Ele explica que esse tipo de recurso serve apenas para corrigir omissões, contradições ou erros materiais, e é julgado pela própria Turma que proferiu a condenação. “Os embargos não mudam o teor da decisão e, na prática, são geralmente vistos como protelatórios pela maioria dos ministros”, pontua.

O especialista ressalta que, uma vez rejeitados, inicia-se a etapa conhecida como “segundos embargos”, considerada pelo STF como o último recurso antes da execução da pena. Moreira explica que, em tese, poderiam existir embargos infringentes quando há voto divergente, mas essa hipótese não se aplica ao caso, já que a decisão foi unânime. “Só depois de sanadas todas as dúvidas se chega ao trânsito em julgado, que autoriza o início da pena”, diz.

Condenações

Nome

- » Fábio Augusto Vieira (Coronel, ex-Comandante-Geral da PMDF)
- » Klépter Rosa Gonçalves (Coronel, ex-Subcomandante-Geral da PMDF)
- » Jorge Eduardo Naime Barreto (Coronel, ex-Chefe do Departamento de Operações)
- » Paulo José Ferreira de Sousa Bezerra (Coronel)
- » Marcelo Casimiro Vasconcelos (Coronel)

Crime

- » Tentativa de abolição violenta do Estado Democrático de Direito
- » Golpe de Estado
- » Dano qualificado pela violência e grave ameaça contra o patrimônio da União, com considerável prejuízo para a vítima e deterioração de patrimônio tombado.

Pena

- » 16 anos de prisão
- » Perda do cargo público e 100 dias-multa.

LUTO

Familiares e amigos se despedem de ex-diretor da CEB

» DAVI CRUZ

O engenheiro e ex-diretor da Companhia Energética de Brasília (CEB) Herbert de Assis Gonçalves morreu na última quinta-feira (4/12), aos 79 anos, após complicações de um procedimento no pericárdio que resultou na perfuração do ventrículo, segundo a família. Herbert passou por uma cirurgia de emergência de peito aberto e, desde então, enfrentava agravamentos no quadro. O corpo foi velado e cremado ontem, no Campo da Esperança, na Asa Sul.

Nascido em Jataí (GO) em 1946, Herbert mudou-se ainda jovem para Brasília, onde construiu uma trajetória sólida na CEB. Ele foi diretor da companhia por muitos anos, além de fundador da Associação dos Funcionários da CEB e presidente da Faceb. Sua carreira se destacou

pela liderança técnica e pela atuação marcante no setor elétrico do Distrito Federal.

Herbert também teve papel relevante na implementação do metrô de Brasília. Ao longo da vida profissional, viveu em diversas regiões da Itália, atuando como engenheiro e obtendo títulos internacionais de pós-graduação e mestrado na área de gestão nos Estados Unidos.

Uma das filhas de Herbert, Flávia Lôbo Gonçalves, 50 anos, lembrou o legado afetivo deixado pelo pai. “Nada do que vivemos faz sentido se não tocamos o coração das pessoas. Hoje, ao me despedir do meu pai, percebo que essa frase de Cora Coralina descreve exatamente a missão que ele cumpriu na Terra: tocar corações. E ele tocou o meu, o de todos nós aqui, e o de tantos outros que carregam lembranças dele com carinho”, disse.

Para ela, o pai foi um espírito de luz, de humildade rara e grandeza verdadeira. “Ele nos reuniu em tantos almoços, espalhou paz com seus ensinamentos, arrancou risadas com seu jeito único, fortaleceu laços com sua capacidade natural de unir. Perdi mais que um pai: perdi um amigo, um professor de vida, um conselheiro sensível, um comediante espontâneo, um cozinheiro afetuoso. Perdi o meu amor, a presença que me amparava sem pedir nada em troca”, acrescentou Flávia.

O ex-governador do DF José Roberto Arruda, colega de Herbert desde 1976 na CEB, também prestou homenagem. “Ele sempre foi um engenheiro muito competente e um ser humano muito elegante, muito educado, muito amigo. Na verdade, levamos um susto com esse falecimento dele, porque ele estava bem.

Tínhamos conversado recentemente, ele estava muito bem. Imagina uma pessoa educada, de voz mansa. Tenho dele as melhores recordações”, afirmou.

A Companhia Energética de Brasília (CEB) divulgou nota em homenagem ao ex-funcionário: “A CEB lamenta profundamente o falecimento do senhor Herbert de Assis Gonçalves, que atuou como diretor na Companhia de Eletricidade de Brasília e prestou relevantes serviços ao longo de sua trajetória profissional, sendo muito admirado por colegas de trabalho. Neste momento de dor, a empresa manifesta solidariedade e condolências aos familiares e amigos”, lamentou.

Herbert deixa a esposa, Marilene Lôbo Gonçalves, os filhos Leonardo Rogier, Milena Lôbo Mitraud e Flávia Lôbo Gonçalves, além de seis netos.

Reprodução/Redes Sociais



Herbert de Assis Gonçalves, 79 anos, teve complicações em cirurgia

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos em 8/12/25

» Campo da Esperança

Ademir Batista da Silva, 73 anos
Jardilina Alves Lopes, 91 anos
José Belarmino da Silva, 59 anos
Lais Lúcia de Siqueira Ferraz, 88 anos

Lígia Lopes Florencianes, 56 anos
Tarquino Alves da Cruz, 98 anos
Tiago Ramaiane Ferreira Marques, 34 anos
Wílma dos Reis Santos, 79 anos

» Taguatinga

Aurimar Holanda da Silva, 52 anos

Iracema Leite Alves, 60 anos
José Pereira de Sousa, 73 anos

» Gama

Maria Aparecida do Carmo Alves de Sousa, 76 anos
Maria Rosa Farias de Sousa, 54 anos

» Planaltina

Rafaella Nascimento Rodrigues, 10 anos

» Sobradinho

Joel Rodrigues Gomes, 74 anos
Wilson Viana Dias, 64 anos

» Jardim Metropolitano

Conceição de Maria da Silva Santos, 64 anos
Antônia Alexandre Pereira, 63 anos
Edwin Patrick Gomes de Souza, 28 anos (cremação)